



TRADUTTORE, TRADITORE: AS TRADUÇÕES BRASILEIRAS DOS ROMANCES-FOLHETINS NA IMPRESA CARIOCA DO SÉCULO XIX¹

Pina Coco

Na Corte do Rio de Janeiro do século dezenove, cintilante na imaginação provinciana, altamente modesta para padrões europeus, morosos paquetes se encarregam de trazer as novidades literárias estrangeiras, sobretudo as européias e, mais particularmente, as francesas. Uma vista d'olhos na lista da Livraria Garnier, em 1845, conduz-nos de surpresa em surpresa. A primeira, os títulos clássicos: *Numa Pompílio*, *Viagens de Gulliver*, *Elogio de Marco Aurélio*, *Don Quixote*, *Os Luzíadas*, *La Rochefoucauld*, *Fenelon*, *Paulo e Virgínia* — além de uma expurgada versão que preserva cultura e pudor, *O Bouffon das meninas*. Se considerarmos que, a essa data, Stendhal já publicou *O vermelho e o negro*, Balzac já encetou a *Comédia humana* e Hugo é um poeta consagrado, teremos uma idéia da magra província e das dificuldades de comunicação e circulação com que se deparam os leitores cariocas.

Mas a lista, publicada n' *O Mercantil*, ainda nos dá outros títulos: *Filho de minha mulher* (três vol.), *Dote de Suzaninha* (dois vol.), *Palácio d'Alberto* (dois vol.), *Aventuras de Pedrilho* (dois vol.), *Raymundo d'Aguiar* (dois vol.), *O solitário* (dois vol.), *A nobre veneziana*, *Bandoleiro dos Apeninos* e outros mais, hoje completamente desconhecidos para nós, todos sem indicação de autor. Que livros são esses? De onde vieram, para onde foram? Quem foram seus leitores?

De cerca de 60 mil habitantes, quando da chegada de D. João VI, em 1808, o Rio de Janeiro passa, na metade do século, a cerca de 200 mil, para atingir, em 1880, 400 mil — crescimento considerável de uma sociedade ainda basicamente rural e escravocrata, nação a se formar, já imersa na perene contradição de ter que estar a par e passo com o mundo ocidental civilizado sem possuir, no entanto, substrato histórico nem desenvolvimento: contradição do próprio continente, preguiçosas províncias a imitar Paris...

A imprensa, marca essencial da modernidade, inaugura-se, como se sabe, com a vinda da Corte portuguesa, quebrando sua prudente proibição durante o governo colonial. A 10 de setembro de 1808, quatro meses após a criação da Imprensa Régia, sai o primeiro número da *Gazeta do Rio de Janeiro*, que será

publicada às terças, quintas e sábados, uma vez submetida à censura monárquica. Em 1827 nasce o *Jornal do Comércio*, o mais lido, com 400 assinaturas. Esse número nos dá uma certa idéia da população leitora, certamente reduzida, e basicamente a mesma que tem acesso aos livros. Em 1832, sob a regência de Feijó, surgem os primeiros jornais ilustrados, com caricaturas políticas: *O Martelo* e *A Cegarrega*. Data de 1839 *O Correio das Modas*, jornal feminino ilustrado com gravuras de moda parisienses.

Jornais são fundados e desaparecem; poucos resistem a mais de 10 anos, ou mesmo 5; por vezes, sua duração restringe-se a meses. Na base, já o problema financeiro, atrelado à honestidade de redatores e assinantes:

A desconfiança que existe em todos os homens sensatos contra estas publicações é fundada na falta de cumprimento de palavra de seus redatores, que julgam que de pequenos jornais poderão retirar seus subsídios. A falta também inqualificável de senhores que aceitam de bom grado a assinatura, porém se recusam a pagar, é a causa da desapareição repentina de jornais literários. (Editorial do *Arquivo Literário*, nº 1, 08/08/1863)

Em novembro do mesmo ano, o *Arquivo* suspende “mais de 100 assinaturas” por falta de pagamento, que passa a ter cobrança adiantada, prudente prática já adotada por outros. A desconfiança reina: “Qualquer um é redator/ assinante e dinheiro/ eis aí todo o valor/ s’uns usam lunetas,/ outros tem pernas cambetas” (*Arquivo Literário*, nº 11, nov. 1863). Gondim da Fonseca lista, em sua *Bibliografia do jornalismo carioca*, 1295 títulos de jornais e revistas — cifra que reflete a extrema mobilidade de títulos. Na verdade, ao consultar os *Anais* da Biblioteca Nacional tem-se a impressão de que qualquer grupo de mais de três pessoas, unidas em torno de um partido, de uma idéia ou de um ideal tem, como primeiro reflexo, fundar um jornal.

Vendido por assinatura — quinzenal, anual, semanal ou trimestral — ainda que mais barato que o livro, o jornal será consumido por uma elite. Na falta de dados, pode-se imaginar uma pequena ampliação do número de leitores, bem como a inclusão de novos segmentos — o público feminino, as crianças e os analfabetos — graças a uma novidade francesa, rapidamente assimilada entre nós: o folhetim. Explicando: desde que, em 1836, Emile Girardin teve a brilhante idéia de lançar um jornal diário — *La Presse* — onde o rodapé, antes ocupado pelo folhetim-variedades, passa a exhibir um romance seriado, o sucesso fez com que, dez anos depois, praticamente todos os jornais parisienses seguissem a receita, que, por sua vez, rapidamente chega ao Brasil.

As mulheres têm a palavra final na escolha do jornal a assinar, e suas razões são claras: “As damas tomam por tarifa de mérito jornalístico os folhetins e as notícias diversas... As raparigas decoram os romances... logo, para essas, um bom periódico é o que tem anúncios, folhetins e notícias diversas” (*A Semana*, 1856). Leituras coletivas em serões reúnem a família e os agregados no mesmo fascínio, a ouvir aventuras e desventuras de inocentes vítimas às voltas com empedernidos vilões, como bem aponta José de Alencar, recordando sua infância. Por fim, se o século não popularizou o jornal diário e de venda avulsa, transeuntes tomam carona nos jornais afixados à porta das tipografias: “No entanto há muita gente que vem aqui ler de graça *A Semana*. Ora, eu aprecio muito o interesse que esses senhores mostram pelo meu jornal; mas, palavra de honra, apreciaria muito mais se fossem todos assinantes” (Legenda de caricatura em *A Semana Ilustrada*, nº 5).

O jornal brasileiro do século dezenove distancia-se muito do modelo atual, basicamente noticioso. Raros são os jornais cariocas que não contêm ficção, poemas, curiosidades científicas. A comunicação com o exterior é difícil e as notícias circulam com mais eficiência no boca-a-boca da cidade. O próprio conceito de notícia restringe-se, o mais das vezes, aos miúdos *faits divers* que sacodem a modorra provinciana: escravos fugidos, pequenos anúncios, crônicas teatrais perpassadas por intrigas de bastidores envolvendo, invariavelmente, as divas italianas e francesas de passagem, reclamos das condições de higiene da cidade... Vez por outra, uma atrasada novidade do “mundo lá fora”. O que realmente movimenta nossos periódicos é a política, apaixonada, polêmica, com intensa participação de redatores e leitores.

No entanto, todos coincidem, no espaço cedido à literatura: traduções, romances nacionais, contos, sonetos, provérbios e aforismos. Nesse sentido, todas as publicações se confundem e nos confundem: nada mais enigmático para um leitor do início deste milênio que situar o conteúdo de um jornal ou revista do século dezenove, a partir da leitura de títulos fornecida pelos *Anais* da Biblioteca Nacional. *Beija-flor*, *A Marmota na Corte*, *Iris*, *O Simplicio* remetem a códigos político-sociais que se perderam. Os subtítulos pouco auxílio trazem, e seu ecletismo nos deixa perplexos — ao acaso, tomemos o *Iris*, que se anuncia como “periódico de religião, belas-artes, ciências, letras, história, poesia, romances, notícias e variedades.”

Explicitamente ou não, 90% dentre os jornais dizem-se “literários”, dando razão aos que nele vêem o sucedâneo e concorrente do livro. Mas, de que livro? Que literatura é essa, tão a gosto do público, que nenhum periódico se arrisca a dispensar?

Apesar da produção nacional publicada em forma de folhetim, por capítulos — desde *Memórias de um sargento de milícias* — e passando por textos de maior ou menor extensão, nitidamente escritos para o jornal, com improvável publicação posterior em brochura, há um índice elevado e constante de traduções de folhetins, em sua maioria, franceses. Chegam às páginas dos periódicos com surpreendente rapidez: *Os três mosqueteiros* aparece no mesmo ano de seu lançamento; apenas dois anos separam a tradução de *Os mistérios de Paris* de sua publicação original.

A ficção não seriada traduzida vem, o mais das vezes, representada por contos ou fragmentos de textos maiores: muito século XVIII; os primeiros românticos franceses (Lamartine, Chateaubriand); românticos alemães, sobretudo no gênero fantástico (Hoffmann: *Novo Correio das Modas*, 1852); o romance russo (Gogol, Puchkin: *Museu Pítoresco, Histórico e Literário*, 1848); parques ingleses, exceção feita ao folhetim de *sir Francis Trolopp, Os mistérios de Londres*, n' *O Mercantil*, 1845, com os títulos dos capítulos no original inglês.

Quem traduz? Nem sempre é possível saber, pois em geral vem apenas a indicação “traduzido do francês”; por vezes, iniciais assinalam uma possível autoria. Delso Renault, em seu *O Rio antigo nos anúncios de jornal* (1969), mapeia a forte influência francesa na Corte, desde a queda de Napoleão, em 1815, que para cá impele republicanos e bonapartistas fugidos da Restauração que se inicia na França:

muitos, premiados por questões políticas; outros, em busca de aventura e fortuna. É um traço constante a associação que os professores de línguas fazem com outras atividades: com o ensino de música, de canto, da dança, ou a tradução de quaisquer papéis escritos nas ditas três línguas de umas e outras.

Tratava-se, no caso, de um professor das línguas “inglesa, francesa e espanhola” que, na rua Mãe dos Homens (atual rua da Alfândega), se entrega à tarefa de tradução. A propósito, “o tradutor jurado da praça e intérprete da nação é nomeado pelo Regente, e o ofício não vence ordenado: o funcionário recebe das partes 1\$200 por meia folha de tradução feita”.

Não encontramos nenhuma referência quanto ao pagamento da tradução literária. É de se supor que os maiores jornais, mais sólidos financeiramente, contratassem seus tradutores, mantendo assim seus leitores a par das novidades parisienses: *O Mercantil* e o *Jornal do Comércio*, por exemplo, publicam Sue e Dumas em folhetim, anunciando a venda dos volumes, uma vez terminada a publicação. A venda também podia ser por etapas, à medida da publicação semanal, como é proposto para *A guerra das mulheres*, de Dumas:

As bem conhecidas obras deste autor poupam-nos quaisquer elogios que quiséssemos fazer desse interessante romance, uma de suas melhores produções, e cuja tradução principia a ser dada à luz em folhetos semanais de 56 páginas cada um, nítida impressão em bom papel. Três desses folhetos formarão um volume, e a obra consta de quatro. Vendem-se em casa dos senhores A. de F. Guimarães, rua do Sabão, nº 26; Agra e Cia. rua da Quitanda, nº 70; Teixeira e Cia., rua dos Ourives, nº 21 e Paula Brito, praça da Constituição, nº 64; 400 rs. cada folheto. (14/03/1846)

Note-se o emprego do termo “folheto” para designar cada parte publicada, que por sua vez compreende vários capítulos. Não é outra a função tipográfica do rodapé, senão a de permitir a formação caseira do livro, costurando-se as partes: biblioteca dos pobres... Aos afortunados, oferece-se a edição encadernada, mas sempre após a publicação seriada, o que assegura o ineditismo do texto no jornal.

Traduções são oferecidas: o mesmo *O Mercantil*, a propósito de *Martim, o enjeitado* ou *Memórias de um criado grave*, de Eugène Sue, informa que “Luís G.S. de Bivar deu começo à tradução deste interessante romance, e obriga-se a concluí-la. Quem quiser entrar em transação a respeito, dirija-se...” (31/ 04/1847)

Prudentes, os tradutores parecem produzir na medida em que têm publicação (e pagamento) assegurados. Assim, o *Arquivo Literário* explica a seus leitores que a tradução caminhará semanalmente com o folhetim (20/09/1863).

Se é difícil manter um jornal, o que dirá pagar regularmente traduções que arriscavam a se estender por meses a fio... O que sem dúvida explica a péssima qualidade de algumas, bem como bruscas interrupções de publicação, sem aviso prévio. Por vezes, uma satisfação é dada aos ansiosos leitores: “Um incidente que não podemos remediar prontamente inutilizou os originais do segundo volume...”

Ou não: interrompe-se a publicação de *A dama das camélias*, de Dumas Filho, n’ *O Jornal das Senhoras* de 17 de julho de 1853, logo substituída por *A confissão de um suicida*, com o subtítulo “romance” e sem maiores indicações.

Apesar dos percalços, traduções são estimuladas: *O Correio das Modas*, em seu número 26, promete *El verdugo*, “traduzido de H. de Balzac”, com a seguinte nota:

Temos a satisfação de apresentar às nossas leitoras um lindo romance, traduzido do francês por uma senhora. É com gáudio que convidamos as suas contemporâneas à imitação de seu proceder, enriquecendo as páginas do obediente jornalzinho com uma produção que necessariamente há de agradar.

Traduttore, traditore... parece ser um consenso geral destinarem-se os romances às “amáveis leitoras”, as mesmas cujos olhos negros percorrem, palpitantes, os contos de Machado de Assis; para preservar-lhes a pureza, tudo é autorizado:

Encetamos hoje a publicação do romance do sr. Dumas Filho, intitulado “A dama das camélias”. Por vezes trepidamos em dar publicidade a este romance na língua vernácula, porque, sendo obra escrita dissolutamente, nos pareceu que sua versão transgrediria os preceitos que nos temos imposto na escolha dos artigos que saem a lume neste jornal, mas, tendo a pessoa que nos ofereceu a presente versão feito habilmente alguns cortes e supressões nele, nos resolvemos a admiti-lo assim nas colunas do *Jornal das Senhoras*. Concluindo, agradecemos ao tradutor incógnito o valioso presente que nos fez, e recomendamos a todos a leitura desta história verdadeira e contemporânea cuja versão, se não é servil, se não traduz palavra por palavra, dificilmente encontrará no original uma idéia, um pensamento, que no português não tenha a frase equivalente. (*Jornal das Senhoras*, 03/07/1853)

Terão os “cortes e supressões” sido tímidos em demasia, o que explicaria a súbita interrupção acima aludida? Quanto às razões do anonimato do tradutor, bem como o real significado do “presente” ao jornal, só podemos avançar especulações. Ressalve-se ser *O Jornal das Senhoras* um dos mais sérios e bem cuidados — o que não é regra — com um corpo editorial todo feminino e dotado de surpreendente coragem de opiniões, o que transparece na observação sobre a diferença que opõe uma “tradução servil”, ao pé da letra, à que preserva a fidelidade ao espírito do original. O mais provável a justificar “cortes e supressões”, assim como a interrupção sem explicações, terá sido a reação puritana do público leitor (suspeitamos, masculino, que já acusara, em carta, as redatoras de “não serem mulheres”, pois “escrevem como homens”...)

Nem sempre a censura é moral: a tradução, sem hesitar, corrige o original, como o de *A filha do general*, “tradução do inglês por M. de C.”, no *Correio das Modas*, n.24, 1839: “Lemos esta novela em uma famosa revista, e por ser muito bonita a traduzimos; todavia cortamos alguns pormenores desnecessários.”

Mas há tradutores que resistem à tentação do corte, seja ele moral ou literário: é o caso de M. E. C. Menezes, que traduz, para o mesmo *Correio das Modas*, *Um semblante rosado e um semblante enrugado*, de Anaïs Segalas, em 1839: “O seguinte romance poderia ser mais breve: porém pena fora cortá-lo, porque a magia de seu estilo é admirável. Grande moralidade de

seu conteúdo se depreende, e as nossas amáveis leitoras se admirarão da perversidade de uma inveja.”

Com o sucesso assegurado dos grandes folhetins franceses, *O Mercantil* não hesita em traduzir uma verdadeira “reportagem” sobre Eugène Sue, já um paratexto, como hoje os das revistas especializadas em telenovelas, com dados biográficos, gostos pessoais, descrição de sua casa e ambiente de trabalho (n.12, 12/01/1846): “Julgamos que não desagradará a nossos leitores o seguinte artigo, extraído do *Courier de l’Europe*, por contar-se nele alguns pormenores sobre a vida do ilustre autor de *O judeu errante*.”

A sofreguidão pelo “último Dumas” pode atingir níveis inesperados, a ponto de surgir uma continuação apócrifa de um de seus maiores sucessos, com venda garantida. A história é saborosa e merece ser citada. O *Jornal do Comércio* publicara *O conde de Monte-Cristo*, de Dumas e anuncia, a seguir, sua continuação, *A mão do defunto*. Um brasileiro de passagem por Paris resolve mostrar ao romancista como é popular no Brasil. O resultado foi uma carta, que o *Jornal do Comércio*, com *fair play* (ou muito provavelmente, obrigado pelos editores do autor) publica na íntegra, original e tradução:

Monsieur,

J’apprends qu’on publie à Rio, c’est à dire dans une des villes de l’Amérique du Sud où je tines le plus à être connu, à cause de la bienveillance que m’ont toujours temoigné les lecteurs que j’ai dans cette belle et poétique ville, un roman que l’on fait passer pour être de moi et que l’on annonce comme la suite de Monte-Christo.

Je n’ai jamais fait et, quoique bien souvent sollicité de le faire, je ne ferai probablement jamais le suite de ce livre, etc... (in Gondim da Fonseca, *op. cit.*)

Tamanho é o sucesso de autores e personagens dos romances-folhetins entre nós, que cronistas escandalizados constatam toda uma cidade hipnotizada, a girar em torno de um dos mais famosos personagens criados e a esquecer a língua pátria, transformados em parisienses:

Rocamble! Rocamble! Rocamble!

Tâl é a palavra por toda a parte, e, pela maneira que nos persegue, já vai cheirando à “amolação”. Nos botequins, pelas ruas, nos hotéis, tudo é “Rocamble”.

Daqui a dois dias haveremos de ver um “dandy” entrar em um “restaurant”, sentar-se, segundo as leis da etiqueta, em uma cadeira em frente de uma mesa, torcer o bigode e pedir ao “garçon” “filet” com “petit pois au Rocamble”, “mouton au Rocamble”, “du veau sauce tomate au

Rocambolé” e pedir enfim em francês todos os pratos a Rocambolé! Banhos, pomadas, sabonetes, charutos, tudo há de ter o rótulo da moda. Decididamente, o senhor Ponson du Terrail vai à posteridade!

O “Jardim de Flora”, compreendendo a época, quis aguçar a curiosidade do nosso público, levando à cena as aventuras do tal senhor da moda. “Rocambolé” instalou-se em seus cartazes em letras garrafais, e parece, a julgar pela estréia, que não sairá de lá tão cedo! Mas, o que o tal jardim tem aguçado mais, não é por certo a curiosidade do público que o freqüenta: é a curiosidade das filhas de família que lêem todos os dias o folhetim do “Jornal do Comércio”, cada qual mais doida para chegar ao fim da história. E a curiosidade de uma mulher é como uma mariposa ao redor da luz: não descansa enquanto não se satisfaz.

Rocambolé, portanto, já vai se tornando em todos os sentidos o terror dos pais de família. (*Bazar Volante*, nº 22, 17/ 02/ 1867).

Paris ainda é o centro cultural da Europa, lançador das modas, e o chique definitivo é parisiense. O jornal, veículo do momento, permite à distante província viver o burburinho francês, e em 1867 suspiram por Rocambolé, unificadas, moçoilas parisienses e cariocas... Embora desconheça a origem do doce que leva seu nome, arrisco-me a aventar que date dessa voga, até por ser um pão-de-ló enrolado, com recheio doce, como são enroladas as aventuras do personagem e recheadas de lances “rocambolescos”.

Os jornais cariocas do século XIX, no acervo da Biblioteca Nacional, ainda foram pouco explorados, considerando a riqueza que contêm: haveria muito a dizer sobre traduções, e uma pesquisa voltada exclusivamente para o tema — o que não foi meu intento — certamente traria à tona bem mais que minhas poucas observações.

¹ Texto apresentado no painel “A Literatura traduzida no Brasil do século XIX”, que integrou as atividades do VII Encontro Nacional de Tradutores e I Encontro Internacional de Tradutores, realizado na USP em setembro de 1998.



Referências bibliográficas

FONSECA, Gondim (1941) *Biografia do jornalismo carioca*. Rio de Janeiro: Quaresma Editora.

RENAULT, Delso (1969) *O Rio antigo nos anúncios de jornais*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.